



Aline Fernandes da Silva Guerra

“Era uma vez uma vaca Vitória. Caiu no buraco e começa a história”: relato e reflexões sobre práticas com livros e literatura infantil

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

**Coordenação Central de Extensão
Curso de Especialização em Educação Infantil: Perspectivas de
Trabalho em Creches e Pré-Escolas**

Orientadora: Nazareth Salutto

Rio de Janeiro,
Novembro de 2017

*A todas as professoras de Educação Infantil que conseguem encantar
suas crianças diariamente através das histórias.*

AGRADECIMENTOS

A Deus,

por todo trajeto de vida que escreveu até aqui para mim, pelos caminhos aos quais iluminou, pela família e amigos que nos aproximou e por ser luz em todos os momentos de escuridão.

Ao Marcel,

homem companheiro, atencioso e cuidadoso. Que me ajudou a passar por esse momento de escrita com mais leveza, com suas brincadeiras inusitadas e fora de hora, me ajudavam a relaxar e seguir em frente com outro ânimo.

À minha família,

que, embora não entendessem, muitas vezes, a paixão e amor que sinto pela educação sempre mantiveram seu apoio, colo, carinho e dedicação. Pelos ensinamentos, broncas e preocupações para que eu tivesse uma vida melhor da que eles tiveram e por serem presentes em todos os momentos da minha vida.

À Camilla,

uma grande amiga que me acompanhou desde a época de faculdade, passando pelo trabalho e até nesse curso.

À Gabrielle,

uma grande amiga que também me acompanhou desde a faculdade até esse maravilhoso curso.

Ao Daniel, marido da Gabrielle,

por nos buscar quase todos os dias na Gávea às 22h depois de um dia cansativo de trabalho. Fora o bom humor e a escuta das minhas hipóteses de tudo e pensamento filosófico para tudo.

A Patrícia,

por sempre se colocar no lugar do outro e ter um olhar cuidadoso e carinhoso
comigo nas vezes que mais precisei.

Aos professores do curso,

que todos os dias aprimoravam nossos conhecimentos. Além de nos levar a
muitos questionamentos, nos levando à reflexão e mudança da nossa prática em
sala de aula.

À Naza,

que teve paciência todas as vezes que pensei em desistir, que me estimulou a
seguir em frente e acreditou no meu potencial dentro do que era possível fazer.

Às escolas pelas quais passei,

espaços nos quais pude aprender com crianças e professores, através da troca
de experiências, a avaliar e reavaliar minha prática cotidianamente.

Às crianças,

um agradecimento singelo comparado ao carinho guardado em meu coração por
todas que passaram em minha vida. Não seria metade da professora que me
tornei hoje sem a ajuda delas. Para elas que busco melhorar minha prática, para
elas busco aprender mais. Tudo por elas.

RESUMO

Quem pudesse crescer sem perder a memória da infância, sem esquecer a sensibilidade que teve, a claridade que cintilava dentro da sua ignorância, e os seus embarques por essas auroras de aventuras que se abriam nas paginas dos livros! (MEIRELES, 1984, p., 30)

Esta monografia trata de um relato crítico da minha experiência como professora, leitora, ouvinte e contadora de histórias, no cotidiano com a criança da Educação Infantil. Por meio de recortes do cotidiano, busco refletir, à luz de autores como Corsino (ano), Gouveia (ano), Corsaro (ano) e tecer algumas reflexões em torno da Literatura Infantil e sua relação com as crianças.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Livro. Criança. Professor.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
CAPÍTULO I.....	12
O dom de contar história?.....	12
CAPÍTULO II.....	17
Ler é brincar.....	17
2.1 “ <i>Aqui ó! Está escrito banana!</i> ”. Refletindo sobre os encontros com os livros... Modos de ler das crianças pequenas.....	17
2.2 “Não! Eu que vou contar! Eu já conheço essa história, já levei um dia pra casa!”. Relato sobre a relação que a criança estabelece com a história.....	20
Reescrever.....	23
Considerações Finais	23
Referência Bibliográfica	25

Introdução

Aprendi a ler muito cedo e esse processo foi muito natural para mim. Desde muito nova me agradava estar nesse mundo da leitura e recordo-me de livros que insistia para minha mãe comprar, quando comprávamos a lista de material da escola do meu irmão, ou ao passarmos em alguma banca de jornal, não podia sair sem um gibi. Esse interesse não passou despercebido pelos meus pais que hora ou outra me agradavam com algum livro de história e chegaram a juntar selos do jornal, que nunca liam, para que a cada final de semana pudesse ganhar um livro de uma coleção infantil da época.

Eu gostava de ler as imagens, o desenho das letras, o desenho dos números e de contar e recontar as histórias para minhas “filhas”, para meus alunos que se sentavam em duplas nas mesas nas quais muita gente grande usava para subir e descer do prédio que residia. Isso às vezes atrapalhava um pouco a minha aula e também sujava as folhas dos meus alunos. Todos gostavam das minhas histórias, tanto que onde residia minhas “filhas”¹ pediam sempre mais, o que despertou a atenção da minha mãe, que logo começou a me ensinar uma mágica com aqueles desenhos de letras e números.

Certas vezes pedia ajuda da minha tia, porque quando pequena não consegui descobrir a mágica completa ou, às vezes, ela esqueceu. Minha mãe e minha tia falaram-me que aqueles desenhos de letras e números tinham sons e que se eu juntasse alguns daqueles desenhos de letras seria possível formar uma palavra e, logo, conseguiria saber muito mais daqueles livros que tanto gostava de ler.

Fiquei encantada! Queria identificar e juntar letras por aí... passava longas tardes brincando assim, o que me fez perceber que as histórias que lia, certas vezes, eram bem diferentes das que eu lia antes de descobrir essa mágica. Algumas eu gostava da primeira forma que li depois; outras; preferia a primeira leitura. Eis que a diversão dos meus pais era me ver contando as histórias para eles à noite. Algumas eu contava a segunda versão, outras eu insistia na versão por mim inventada porque sabia que eles iam conferir as frases. Foi, então, aos seis anos, chegou o momento de ir para escola, para 1ª série. Lá, poderia encontrar-me com outras pessoas pequenas e grandes, as quais poderiam ouvir e contar-me histórias, o que me deixava animada porque já estava preparada para o momento. Lembro-me da leveza e tranquilidade as quais Tia Ana Amélia

¹ As filhas eram as minhas bonecas.

transmitia-me. Ela era grande e parecia parte da minha família. Além de linda, ela também gostava de livros e de contar histórias.

Nas minhas brincadeiras eu sempre queria ser a Tia Ana Amélia, afinal, já era professora, só ainda não tinha um exemplo real. Gostava de ficar próxima a ela, lembro-me de diversas vezes elas ficar sentada comigo esperando meu irmão ou meu pai me buscarem na escola, eles costumavam se atrasar um pouquinho.

O tempo passou e eu fui para a 2ª série, a professora já não era mais a Tia Ana Amélia e para mim, a escola perdeu a cor, perdeu o brilho e não tinha mais a companhia no portão e nem na sala, não queria ficar naquela escola. Após alguns dias difíceis, meus pais aceitaram mudar-me de escola, o que reacendeu uma luz no meu peito porque era a escola da minha melhor amiga, na qual era muito feliz e eu certamente também seria. Porém, não aconteceu como eu esperava exatamente. A professora da minha nova turma não contava histórias, mas nos dava liberdade de ir à biblioteca, folhear e escolher alguns dos livros sem leva-los para casa. Tínhamos acesso à biblioteca todos os dias, o que me motivava a ir algumas vezes. Então, sentava, folheava alguns títulos e logo saía. Fiz muitos amigos lá depois que minha melhor amiga saiu da escola na 3ª série.

Com meus novos amigos vivi muitas descobertas e aventuras. Criávamos brincadeiras, participávamos de projetos de desenho que nos deram o título de vencedores. Além dos projetos de desenhos, eu gostava de contar histórias, mas minhas histórias não estavam materializadas, a forma que eu encontrei de conta-las era através de sonhos. Inventava que tinha sonhos mirabolantes e contava diariamente para minhas amigas que, pequenas assim como eu, acreditavam. O tempo continuou a passar e nessa escola fiquei por sete anos. Cresci.

No Ensino Médio, assumi papéis de gente grande porque já tinha mais autonomia e deveria ter mais consciência de tudo. Nesse segmento, líamos muito, afinal, numa escola que forma professores, era o mínimo que tinha a se fazer.

Vygotsky, Freinet, Piaget, Paulo Freire, monografias, artigos, leituras e escritas. Com tantas demandas o tempo era demasiadamente curto para inventar histórias, quiçá contá-las para alguém. Preocupada com meu futuro enquanto leitora, refleti e conclui que era necessário retomar o meu ritmo de leitura e, logo após o lapso de consciência, voltei a frequentar a biblioteca. Eu adorava aquele ambiente! Perdia-me em meio àquelas fileiras de estantes recheadas das mais fantásticas literaturas... folheava catálogos e contracapas de livros as quais podia levar para casa até dois por vez! Alguns títulos eram lidos ali mesmo, em pé ou sentada no chão de modo que a troca fosse ainda mais rápida. Mas, gente grande não tem muito tempo para esse tipo de leitura. Passei a achar que toda gente

grande deveria gostar mesmo é de textos acadêmicos, de tarefas.... Aprendi a lidar com isso, afinal, já não sobrava mais tempo para ler outro tipo de texto. Nas férias, até conseguia ler algumas coisas, me perdia nas livrarias procurando novos títulos para adquirir. Mas, as férias passam rápido, assim como todo o tempo.

A leitura literária sempre tomou muito de mim, a ponto de me desligar da vida e não conseguir fazer mais nada para conseguir terminar o livro e assim que termino a necessidade da leitura de outro sempre foi muito grande, uma constante na minha vida. Aos poucos, tive que fazer escolhas as quais diminuía cada vez mais a quantidade de livros lidos anualmente, porém nunca cessando. Em um dado momento dessa história toda, a leitura ganhou outro viés. Entre textos acadêmicos e livros literários, entrou a literatura infantil, ou poderia dizer que retornou?

Com a graduação, vieram os estágios e nas escolas pude retomar o prazer de estar com os livros infantis. Como foi bom reviver algumas velhas conhecidas histórias conhecidas, que por um tempo havia esquecido. Conhecer histórias que me arrependi de não ter lido na fase em que era pequena, além de me comover com a forma como as crianças são afetadas por elas e como a forma que gente grande gosta de lidar com elas. Como disse antes, gente grande tem tempo para tudo e o tempo nem sempre está a nosso favor. Eu gostava de ouvir e contar histórias, mas me perdi. Me perdi no tempo. Quando me encontrei estava contando as histórias para ensinar a contar os números, para ensinar as cores, as formas geométricas, os seres vivos e sem vida e por aí vai. Eu sempre tinha uma história na manga, mas eram friamente selecionadas e com objetivo muito específico, ensinar algo.

A partir de então, o tempo deu-me uma rasteira, e eu caí. Levei um tombo daqueles, que me fez pequena de novo e relembrar de tudo isso que aqui escrevo. Foi preciso acordar e tentar reviver melhor o cotidiano na escola. Quando se deu o tombo? Caí na ocasião em que decidi cursar a Especialização em Educação Infantil, no momento no qual me dei conta da crueldade que fizeram comigo e na reprodução que fazia com as crianças. A segunda rasteira deu-se novamente na época em que mudei de escola, já inebriada pelo tombo da especialização, passei a me enxergar nas crianças e a sentir com elas e, então, mudar. Sim eu mudei. Na verdade, estou em um processo de mudança e espero ser constante.

Agora, como as crianças dessa nova escola me derrubaram foi de uma forma tão sutil que nem mesmo consegui sentir o tombo. Mudar não é fácil, ainda mais quando já se faz há tanto tempo a mesma coisa. Chegar nesse novo espaço, em que o modo como as crianças estão com os livros é tão livre e natural, faz

perceber que as crianças, desde muito pequenas, têm livre acesso ao livro, as histórias são muito bem escolhidas, o acervo literário é selecionado com um cuidado tão grande: variações quanto a ilustração, os enredos, os projetos gráficos... A leitura literária nesse espaço tem como o objetivo principal proporcionar formas de a criança criar, imaginar e embarcar na história como se fosse parte dela.

Há uma biblioteca com muitos livros de literatura infantil, na qual as crianças e professores têm livre acesso para frequentar. Em cada sala há um “canto”² com livros os quais as crianças podem folhear livremente, ação preferida. As crianças mais novas solicitam mais os adultos para ficarem junto ou leem a história. Nesse momento é que se dá o meu tombo.

Depois de entender a rotina desse novo espaço, organizei-me para “vivenciar” os momentos tão sonhados com as crianças e os livros, imaginava que sentaria à roda com as da faixa de três a seis anos e lá iniciaremos várias contações de histórias. Mas não foi bem assim. Eles pediam-me para contar as histórias e eu as contava, aos poucos as crianças menores já não estavam mais tão voltadas para a história, folheavam, brincavam com outros livros, faziam dele apoio de cabeça, casinha para alguns bonecos e isso me bagunçou. Não conseguia entender o que fazer para esse grupo tão heterogêneo conseguisse prestar atenção na história e até mesmo a forma como eles manuseavam o livro desconcertava-me porque gente grande não entende nada mesmo. Eles estavam a todo o momento ali, com seus interesses, contando e recontando histórias, brincando com o livro, que é um objeto tão comum para eles e tão próximo que estavam lidando melhor com aquela situação que eu.

Essas e outras histórias sustentam meu desejo de tecer algumas reflexões críticas a respeito da prática com os livros, a literatura infantil e as crianças. Para tanto, abordo questões sobre linguagem (CORSINO/2013), crianças (GOUVEIA/2007), a relação da criança com o livro (MEIRELES/1984), entre outros.

Quanto à organização desta produção, o primeiro capítulo trata-se da relação que alguns professores constituem com o livro, a leitura e o momento de contação de histórias e as possíveis ações para traçar um novo caminho. O capítulo dois foi dividido em dois subcapítulos, nos quais relato algumas experiências da relação da criança com o livro. O primeiro subcapítulo revela um pouco acerca da forma como as crianças pequenas leem e promovem uma

² Espaço.

reflexão sobre os encontros com os livros. O segundo e último subcapítulo, traz o olhar de uma criança ao recontar uma de suas histórias preferidas aos pares na escola e o cuidado do professor em suas ações perante a situações como essas. Por fim, promovo um movimento de reflexão da nossa prática e a possibilidade diária que, nós professores, temos de reescrever e reinventar esse caminho diariamente.

CAPÍTULO I

O dom de contar história?

Liberdade, espontaneidade, afetividade e fantasia são elementos que fundam a infância. Tais substâncias são também pertinentes à construção literária. Daí, a literatura ser próxima da criança. Possibilitar aos mais jovens acesso ao texto literário é garantir a presença de tais elementos – que inauguram a vida – como essenciais para o seu crescimento. Nesse sentido é indispensável a presença da literatura em todos os espaços por onde circula a infância (QUEIRÓS, 2012, p., 118-119).

A escola era imensa, a parte externa cheia de árvores, gramados, campo de areia... A quadra também não era nada mal, o sol pouco batia pela manhã, os momentos lá fora com as crianças não teriam que parar pelo calor excessivo. Contudo, era um espaço de passagem. Era usado pelas crianças pequenas apenas para passar de uma sala para outra. O gramado somente no período de Jogos Estudantis, as competições abrangiam toda a escola, inclusive a Educação Infantil, o campo de areia... nunca vi usarem. Tinha acabado de entrar na escola, então cada passagem por esses espaços despertava em mim ideias, possibilidades de vivências incríveis, esperei um tempo, viver um pouco aquele novo contexto e acreditar que essas experiências hora chegariam e não chegavam, o planejamento era feito mensalmente e nele o acesso a esses espaços nunca estava incluso. Foi quando comecei a desbravar esses novos lugares com as crianças em momentos aleatórios do dia, às vezes, um tempinho antes da hora do lanche, outras, assim que as crianças chegavam. Por vezes, o planejamento foi deixado completamente de lado dando espaço para as vivências únicas nas áreas externas.

Nessa escola as crianças também tinham pouco acesso aos livros literários, visitados somente às quartas-feiras, dia em que as crianças poderiam “manuseá-los” para escolher e que logo deveriam ser guardados na sacola, para que fossem lidos pelos pais. Essas foram as orientações dadas pelas minhas parceiras e professoras da escola. *Como os livros só poderiam ser acessados dessa maneira?* Não comigo, não na minha turma. E foi assim que iniciaram as histórias nesses espaços externos, que nos fizeram sair literalmente da caixa.

À medida que o livro saía da caixa³ nós também íamos saindo da nossa, a caixa da nossa sala, rodeada de parede e também a caixa da nossa mente. Logo,

³ Trata-se de um objeto no qual os livros são guardados. A intenção, quando a caixa foi criada, servia para armazenar não somente livros, mas todo objeto que visava apresentar algo. Era a caixa da apresentação, da imaginação, da fantasia.

esse movimento foi chamando a atenção dos professores que passavam. Tornou-se comum ver professores deslumbrados, além de ouvir alguns relatos que diziam não saber contar histórias, até mesmo atribuir a palavra dom para esse momento, o dom de contar história. Contudo, cabe ressaltar, novamente a importância das experiências nesse processo. É somente vivenciando na prática essas situações que conseguimos estar mais preparados para encantar com histórias. E cada detalhe deve ser considerado. A voz, o gesto, o olhar, de acordo com as diferentes situações que a história propõe, ou seja, a criança embarca nesse passeio pela voz do contador. A entonação que damos aos personagens que aparecem, ao ritmo que a história se desenvolve, por exemplo, mais rápido ou lento, o silêncio ou uma voz mais alta ou até mesmo aquela voz baixinha que chama logo a atenção de todos, farão desse passeio algo ainda mais prazeroso.

Quando iniciei meu trabalho com crianças pequenas sempre tive o apoio no meu cotidiano do livro infantil. Às vezes, didático e outras vezes o próprio livro literário cumpria esse papel *didatizante*.

Observamos na literatura infantil, porém, com muita frequência, a presença de uma vertente moralizante e educativa, o que se explica por sua origem histórica. Desde sua gênese, a literatura infantil teve como um de seus objetivos básicos inculcar valores, mudar comportamentos ou informar as crianças sobre os mais diversos assuntos através de histórias e personagens do mundo ficcional. Podemos constatar frequentemente mesclarem-se às propostas de ação interlocutória, às vezes de modo predominante, propostas interlocutórias pragmáticas e informativas (ANDRADE E CORSINO, 2005, p., 82).

O livro, muitas vezes, norteou o planejamento ou o projeto das escolas em que trabalhei, contudo, as histórias apareciam sempre com a intenção de apresentar algum conteúdo a ser trabalhado durante um determinado período, mas não para cumprir uma função de literatura. Esse processo foi por muitas vezes difícil e levou-me a alguns questionamentos: Por que eu gosto de contar histórias? E essa resposta veio ao longo do tempo, a partir dessa e de outras experiências contando histórias.

À medida que buscava respostas para essa pergunta, encontrava novas estratégias e diferentes maneiras de propor outras formas de escapar dessa intenção que os outros queriam passar para as crianças. Reavaliando também a minha própria prática, que fui aprofundando e ajustando com o passar do tempo. Embora saiba que é preciso ter clareza sobre qual a minha intenção contando histórias, a partir dessas vivências pude ter certeza de que não era, somente, ensinar as cores, as formas, as letras, entre outros conteúdos.

Sabe-se que são inúmeras as possibilidades para desfrutar das histórias com as crianças pequenas nas escolas. Para elas esse momento é de pura leveza e descobertas. Os meios que usamos para contar as histórias fazem diferença na forma como a criança viverá esse momento.

E foi assim na busca em aprimorar minhas experiências como contadora de histórias e ouvinte, que percebi que as imagens que criamos ao ouvir histórias podem ser não somente visuais. Certas vezes ela pode aparecer através das experiências sensoriais, mas para tanto, faz-se necessário o uso de outros recursos que estão para além da materialidade do livro, tais como, uma saia estirada no chão com pequenos objetos que caracterizem os personagens da história, uma cesta de piquenique com tecidos que darão vida ao enredo contado ou até mesmo uma caixa de papelão com alguns pregadores já fazem a imaginação rolar solta dos pequeninos.

Segundo Corsino, é na linguagem que os sentidos são produzidos e são significados para cada pessoa de uma maneira distinta, depende da situação, da forma que foram percebidos, de diversos fatores externos a ele. O movimento de reflexão e refração, de conservação e criação recriam as formas de manifestar a linguagem de algo novo, ou seja, a maneira em que o sujeito entra em contato com a linguagem, recebe a informação e a externa a seu modo de acordo suas perspectivas culturais. O que nos remete ao sentido, que embora possa ser compartilhado, ele é singular, diferentemente do significado, que pode ser comum a todos. E esse se tornou o meu objetivo ao contar histórias, ressignificar o que já estava posto para aquelas crianças, inclusive para aqueles espaços e professores e trazer um novo sentido para o acesso ao livro, para trabalhar com literatura na escola.

Sabendo que a relação da criança com o tempo é de entrega e intensidade e também aos sentidos que as relações se dão, sejam elas agradáveis ou desagradáveis e a importância da imaginação para o desenvolvimento da criança que somente a partir das experiências desenvolverão fundamentos para a criação.

As crianças não se limitam a imitar ou internalizar o mundo em torno delas. Elas se esforçam para interpretar ou dar sentido a sua cultura e a participarem dela. Na tentativa de atribuir sentido ao mundo adulto, as crianças passam a produzir coletivamente seus próprios mundos e culturas de pares (CORSARO, 2011, p., 36).

As crianças não encontram nos livros as mesmas possibilidades de aprender que alguns adultos veem. Elas brincam com o livro, com os sons das

palavras, com os personagens... E a brincadeira para a criança, segundo Vygotsky, é muito mais que uma fonte de prazer, ela é uma necessidade que é motivo para a ação. Variam a partir do seu desenvolvimento, contudo, as ações estão presentes a fim de significar objetos e movimentos. É a partir dela que a criança ressignifica a realidade, criando suas próprias conclusões, transgridem, reverterem a ordem e dão novos sentidos, transformam objetos tudo em comunhão com a imaginação. É na e pela brincadeira que a criança se expressa através de outras linguagens e formas de se colocarem no mundo. Tornando-se claro a importância dessa atividade na vida da criança e que ela realiza a todo o momento, levanto outra questão: Se é fundamental na vida delas, por que na vivência com o livro e as histórias seria diferente?

Considerar o momento de contar histórias um ritual na prática dentro ou fora da escola auxilia a criança a se organizar em torno dessa proposta. Utilizar desses e outras estratégias fazem parte desse processo, como também de algumas músicas que iniciam e finalizam as histórias: *E agora minha gente uma história vou contar, uma história bem bonita todo mundo vai gostar... Era uma vez uma vaca Vitória. Caiu no buraco e começa a história. Assim, ao começar e terminar a histórias, envolve-se as crianças no clima em torno dessa estratégia. Entrou por uma porta saiu pela outra quem quiser que conte outra, e as variantes, entrou por uma perna de pinto, saiu por uma perna de pato, quem quiser que conte quatro, entrou por uma perna de pato, saiu por uma perna de pinto, quem quiser que conte cinco, etc.*

Sentadas na roda duas crianças começam a brincar com um livro que uma delas havia trazido de casa para a escola. Contudo, cada uma estava criando a sua própria brincadeira utilizando-se do mesmo recurso.

Marina: - *Deu um tangolomango nessa bruxa e de cinco ficou só duas...* (apontava para os objetos na cena da história e iniciava a contagem) *um, dois...*

Valentina: - *De repente apareceu uma bruxa...*

Melissa entra na roda e junta-se a dupla, imediatamente Marina começa a afastar Melissa com as mãos, contudo Melissa continua lá, embora ao lado da dupla não fez nenhuma interferência, apenas observava a cena entre as duas com atenção e curiosidade em ver o livro.

Valentina vira a página, afastando Marina e, diz:

Valentina: - *Chega pra lá que eu quero ver!*

Marina deita-se no chão em cima do livro, porém, logo abre um pouco mais de espaço para a parceira e retoma a cantoria e a contagem dos elementos da história. Valentina deita-se em frente à Marina, com a mesma posição da amiga.

Em seguida, chega Dante e junta-se as três meninas, ambos deitam-se em frente ao livro e começam a cantar juntos e conforme cantavam contavam os elementos que apareciam na história. Passando os dedos pelos elementos, pelo pouco texto do livro, como se estivessem acompanhando o que lá fora escrito.

Toda essa situação deu-se a partir das vivências das crianças, sem a interferência do adulto as crianças buscaram o livro, iniciaram a contação e cativaram outras crianças para viverem juntas esse momento.

A linguagem não se dissocia da vida, constitui o pensamento e a consciência. É a partir dela que nos relacionamos com a cultura a que pertencemos. A importância da escuta nas práticas pedagógicas, diversificar as formas de expressão, o valor do registro, da memória de grupo, entre outras questões que auxiliam e permitem transformações nos espaços coletivos da Educação Infantil.

CAPÍTULO II

Ler é brincar

2.1 “Aqui ó! Está escrito banana!”. Refletindo sobre os encontros com os livros... Modos de ler das crianças pequenas

Ah! Tu, livro desprezioso, que, na sombra de uma prateleira, uma criança livremente descobriu, pelo qual se encantou, e, sem figuras, sem extravagâncias, esqueceu as horas, os companheiros, a merenda... tu sim, és um livro infantil, e o teu prestígio será, na verdade, imortal (MEIRELES, 1984, p., 31).

Algumas escolas no início do ano letivo, ao escolherem o acervo de livros a serem trabalhados nesse período, tendem a julgar o livro pela capa, ou pior, escolher o livro que acreditam ser apropriados para a criança, partindo de um interesse próprio do professor e não do aluno. Muitos acreditam que todo livro deve ser um instrumento formador, que ensinam comportamentos e atitudes, confundem os livros didáticos com literatura, que tem como foco alimentar a imaginação, o desejo, o prazer da leitura.

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo [...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve [...] (ABRAMOVICH, 1993).

A relação da criança com livro sempre me causou curiosidade, o contato com as histórias era sempre muito previsível para mim, eu contava as histórias e depois passava o livro para que folhassem, contudo com a mudança de escola e de rotina, comecei a perceber que a criança ela lê com todos os sentidos. A leitura não está somente no texto que o livro apresenta. Era estranho perceber como aquele grupo de crianças tinha desejo pelos livros e pelas histórias. Um grupo tão diverso, com crianças de três a seis anos de idade. Contar as histórias já não era mais como antes, enquanto contava para um pequeno grupo (das crianças maiores) as crianças mais novas saíam e voltavam para a história, deitavam na roda, brincavam com o livro, todo aquele movimento era estranho em minha prática, contudo com o passar dos dias passei a observá-las mais nesse contexto e lidar com menos intervenções possíveis. No início era comum eu pedir para que todas sentassem, insistir para que continuassem com o grupo.

Aquele grupo das crianças de três anos estava vivendo tanto a história como as outras, elas pegavam a história montavam cenários com os livros, empilhavam um no outro e construíam a casa do João e Maria, criavam cenários, florestas, pegavam outros materiais e uniam ao livro na intenção de recriar a histórias, sentavam uma na frente das outras e dramatizavam a contação. E aquilo foi ganhando sentido, foi me alertando para o cuidado com esse momento e com a minha forma de avaliar e observar também:

[...] a linguagem literária atrai nessa fase, principalmente, pelo jogo lúdico, porque a infância é o momento, por excelência, da brincadeira. (AMARILHA, 1997, p., 50)

Dessa maneira chegamos a outro ponto importante sobre como e quais intervenções o adulto faz com a criança nos momentos em que as crianças estão com os livros? É necessária a intervenção de um adulto durante o momento da leitura ou o contato da criança com o livro?

- Aline, onde eu jogo essa casca de banana?

De repente, Valentina toma à frente, aproxima-se das lixeiras da sala, que são duas, uma para orgânicos e outra para recicláveis e, diz:

- Aqui ó! Está escrito banana! (Apontando o dedo para a palavra orgânico escrita na lixeira).

Valentina tem apenas três anos e está entre as crianças que não ficam por muito tempo na roda ouvindo histórias, contudo, é uma das primeiras crianças a dramatizar histórias na casa de bonecas, buscar o livro na cesta de livros e contar para o grupo. Então qual a intervenção deve ser feita nesse processo que ela está vivendo? A leitura para ela está em todos os momentos, já conseguiu entender que aquele aglomerado de letras informa alguma coisa, já distingue o texto escrito das imagens e de uma forma bem orgânica já busca em todos os contextos do seu cotidiano na escola uma forma de expressar esse seu entendimento. Seus desenhos estão sempre acompanhando de longas *minhoquinhas* que ela faz questão de passar os dedos e dizer que ali escreveu os nomes dos elementos que desenhou.

Ler, segundo Freire, não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita.

Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade (ALMEIDA, 2009, p., 26)

2.2 “Não! Eu que vou contar! Eu já conheço essa história, já levei um dia pra casa!”. Relato sobre a relação que a criança estabelece com a história.

A experiência a ser apresentada ocorreu em uma escola particular localizada no bairro da Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Em uma turma de crianças entre cinco e seis anos de idade, na qual o livro está presente diversos momentos, da brincadeira à leitura. Certo dia, durante a escolha de livros para a leitura do final de semana em casa, Breno pediu insistentemente para contar uma história para eles, com a rotina corrida, em meio as tarefas diárias a serem concluídas durante aquele dia, hesitei inicialmente, porém não me contive àquele olhar curioso e entusiasmado. Contudo, dessa vez, procurei fazer de uma forma diferente, pedi para que ele escolhesse o livro e contasse para a turma, inclusive eu, a história. Todos ficaram parados, sem entender o porquê daquela minha atitude, porém, insisti nela. Criou coragem, escolheu o livro e sentou-se em uma cadeira próximo a roda de crianças e livros.

Folheou o livro durante algum tempo, as outras crianças já inquietas pedindo que iniciasse a contação, o que fez com que ele demorasse ainda mais a iniciar. Quando perguntei se ele não queria contar outra história, ou se queria dar a vez para outro amigo da turma contar, ele prontamente, respondeu: “*Não! Eu que vou contar! Eu já conheço essa história, já levei um dia pra casa!*”. Respirou fundo e começou.

A história era: **Nosso amigo ventinho** de Ruth Rocha. O personagem principal é um ventinho azul, que passeia pelo céu e durante a história são revelados vários momentos em que o ventinho exerce o seu trabalho, como levar um barco a vela, auxiliar na secagem das roupas das lavadeiras. Ventinho é muito amigo das nuvens, as leva para passear constantemente. Certo dia avistou uma festa na escola, as crianças brincavam do lado de fora e torciam para que não chovesse. Ventinho avistou seu primo Vento Noroeste, que era muito forte e queria acabar com a festa da criançada. Ventinho preocupado acionou todas as outras formas de vento, Ventania, Brisa, Aragem, Golpe de Vento e por ai vai. Por fim, conseguiram todos afastar as nuvens carregadas, inclusive o Vento Noroeste e as crianças puderam continuar as festas, com seus enfeites e fantasias.

Após esse breve resumo da história original, segue a história contada por Breno: “*Era uma vez, uma gotinha que gostava muito de brincar no céu. Ela tinha uma amiga a Pipa! A gotinha lava as xícaras, molhava os pássaros e caía das nuvens. Um dia choveu muito, muitas gotinhas caíram nos barcos, molharam as*

roupas. A gotinha caía pela janela, um dia deixaram a janela aberta e gotinha entrou. Um menino viu a gotinha triste na sala e pediu para a mamãe ajudar, ela soltou a gotinha que foi para o céu feliz. Outro dia apareceram muitas nuvens e começou a chover de novo. Depois apareceu o sol, a nuvem levou a gotinha e fim!”

Vygotsky (1990) responderia afirmativamente a essa questão, para ele, as realizações dos artistas não são decorrentes de relampejos individuais de genialidade. Segundo ele, a fantasia, indispensável à criação, forja-se na experiência acumulada do homem que, por sua vez, é ampliada pela imaginação. (OSWALD. 1999, p., 72 *apud* VYGOTSKY. 1990, p., 20).

Assim que Breno leu o título da história “A gotinha”, muitas crianças, imediatamente, tentaram impedi-lo de contar, alegando que a história não era essa, que o título não era aquele. Assumo que inicialmente, até eu não soube o que fazer, embora soubesse que o título falado não remetesse ao que eu lia enquanto ele mostrava para os amigos a capa, pedi que continuasse. Sabia que algo ali estava acontecendo, porém, não conseguia definir o quê. Após a leitura dos textos dessa disciplina, principalmente o de Gouveia (2007), no qual diz:

[...] ao imitar o adulto lendo o livro, a criança o faz de maneira ativa. Ela não reproduz a ação concreta da leitura adulta, mas a ressignifica, de acordo com sua compreensão do que seja o ato de ler e do seu conceito do objeto livro. Assim, ela lê as gravuras, lê de cabeça para baixo, experimenta diferentes formas de interação [...] (p., 124).

Ficou claro que para além da imitação, ao ler pausadamente, apresentar as gravuras após a leitura de cada folha, ao dar tons sonoros e expressar emoções para cada personagem. Breno também estava usando sua imaginação reprodutora, a qual foi capaz de atribuir sentido a partir de uma experiência já vivida, a ilustração do vento era azul em formato oval, o que para ele remeteu a uma gota d’água e também criativa, que ressignificou toda a história a partir dos elementos que apareciam a cada página.

Todos nós humanos, especialmente as crianças, temos uma incomensurável necessidade de fantasiar, de imaginar, de criar mundos. Nesse sentido a literatura pode ser um espaço privilegiado para que a criança, por meio do faz de conta, vivencie a sua forma primordial de ser e estar no mundo [...] (FARIA. 2004, p., 55).

Após aquela experiência muitas outras foram vivenciadas por mim nessa mesma turma. Era comum, agora, escolhermos livros e as crianças lerem durante a nossa rotina. Muitas outras histórias poderiam ter sido retratadas aqui, todavia,

essa foi a primeira e marcou muito tanto profissionalmente como pessoalmente. Procurar um espaço no meu dia para essa dinâmica mudou muito a minha forma de trabalhar com eles e também o estranhamento a essa ação passou a não existir mais. Agora cada livro poderia ter a versão que cada um quisesse dar, a alteridade foi fundamental nesse momento. Como destaca Gouveia (2011),

Como sujeito de cultura e na cultura, a criança apropria-se da linguagem a partir de seu lugar social, definido pela condição infantil. Essa condição socialmente faz dela o outro. (p., 548).

Após essa experiência e acompanhada dos textos lidos, as experiências vivenciadas no curso de extensão. Venho mudando cada vez mais o meu pensamento sobre as formas de leitura e escrita. Venho repensando as interações que as crianças fazem com o livro e que, por muitas vezes, não damos valor devido a correrias do dia a dia. Em especial esse ano, pude conviver de perto com as demandas desse segmento para essa escola, tive certeza do quão errado fazemos o nosso trabalho. Muitas vezes sim algo imposto, porém, pude nas brechas elaborar atividades que de fato eu acreditava, graças a eles, com eles e por eles essas mudanças. Nessa escola crianças de cinco e seis anos começam um processo de alfabetização, aprendendo a ler e escrever algumas palavras e ao final devem formar novas palavras com as sílabas já apreendidas no início do ano. Foi um ano muito desanimador, ter que atender as cobranças da escola. Embora, houvessem brechas, sei que não foram suficientes. Então algo que eu faria diferente seria não aceitar estar nessa série com essas condições, ou até mesmo nessa escola, se não houvesse outra possibilidade. Gostaria de finalizar com uma citação que me provoca muito.

A escrita não é somente um conjunto complexo de técnicas que devem ser impostas à criança, mas um sistema particular de signos e símbolos cuja dominação prenuncia um ponto crítico em todo o desenvolvimento cultural da criança (VYGOTSKY *apud* CORSINO. 2014, p., 165).

Reescrever...

Considerações Finais

A leitura está presente em todos os momentos da vida humana. O livro literário vem sendo usado desde o século XVIII para ascensão da burguesia europeia, desde então esse objeto pouco mudou. Percebemos o quanto é interessante observar o quão importante pode ser o livro literário na vida de uma pessoa, tornando a história em algo vivo, possível de ser vivido do horizonte do leitor.

Os livros literários trazem para o leitor um mundo, talvez, jamais imaginado por eles, que através de uma simples leitura se torna possível. Não há idade para despertar o prazer pela leitura, pela literatura, porém essa satisfação deve haver, *pois, não basta apenas juntar palavras para realizar uma obra literária* (MEIRELES, 1984, p., 21).

A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida (RCNEI, 1998, v.3, p., 143).

Porém, o texto literário ocupa uma posição de destaque em relação às atividades escolares, em função de sua natureza específica e de sua estrutura de linguagem. A literatura, por ser uma produção artística e ter como “ingrediente” principal a fantasia, acaba por estimular a curiosidade nos leitores, ampliando seus horizontes e capacitando-lhes com criatividade e criticidade para lidar com a vida real em função do acúmulo de experiências vividas imaginariamente. Além de a leitura literária possibilitar também a apropriação do registro padrão da língua, aprimorando o desempenho linguístico do leitor, favorece o crescimento intelectual pois, por meio do desenvolvimento e aprimoramento da linguagem, interfere no seu pensamento e raciocínio lógico.

Pensando sobre a formação do leitor no contexto da Educação Infantil, é fundamental que o professor se reconheça enquanto sujeito-leitor e saiba dimensionar suas práticas de leitura literária. Quanto mais o professor ampliar seu repertório de leituras, atribuindo a leitura literária o papel de formadora das sensibilidades e ampliação da visão de mundo, mais significativas serão suas práticas de letramento literário propostas aos alunos.

Ao pensarmos a literatura infantil com a função lúdica, percebemos que ela interage na formação do indivíduo por si própria, pois a literatura traz o recorte do real, explicitado segundo o olhar do autor e composta dos significados da cultura que a compõem. Realizando o processo de transformação no interior do indivíduo, assim como age na função de equilibrar os conceitos que aleatoriamente ele vai adquirindo pela sua leitura do ambiente em que vive. Ela reorganiza conceitos, ora sugere ou discorda, apresenta culturas até então desconhecidas pelo leitor. Saber identificar textos cativantes a universo infantil, também é uma arte, a qual só se alcança penetrando nesse mesmo universo, se o educador não lê, não busca descobrir a imensidão de literaturas que existe, não terá instrumentos e nem argumentos para trabalhar com seus alunos.

Embora seja um grande desafio propor um tratamento diferenciado ao texto literário, assumindo-o como prática artística e vimos ao longo desse trabalho a importância desse movimento tanto para crianças quanto para os professores. Para isso Paulo Freire (1981) e suas sábias palavras nos auxiliam a ressignificar esse exercício.

[...] de alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (p., 13).

Reescrever, reinventar um novo caminho, reviver para transformar... Todo o processo realizado ao longo desse trabalho me levou a concluir que estou no caminho certo, buscando mais da minha formação profissional, o cuidado na relação da leitura, da seleção das histórias, da observação, do silêncio, do corpo, que por vezes, sentiu-se exaurido devido as demandas que surgiram ao longo dessa caminhada, mas nunca perdeu o encantamento. E nesse rumo espero que outros educadores ao entrarem em contato com esse trabalho busquem caminhar, sabendo que é uma estrada com muitos caminhos e, felizmente, sem fim.

***E agora minha gente
Que a história terminou
Batam palmas bem contente
Batam palmas quem gostou.***

Referência Bibliográfica

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

AGUIAR, Vera Teixeira de (coord.) **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte. Formato Editorial, 2001.

ALMEIDA, Fernando José de. **Folha Explica Paulo Freire**. São Paulo: Editora Publifolha, 2009.

ANDRADE, Ludmila e CORSINO, Patrícia. Critérios para a construção de um acervo literário para as séries iniciais do ensino fundamental: o instrumento de avaliação do PNBE. In: PAIVA, Aracy Martins *et al* (orgs.). **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007, p.79-91.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de mundo** (v. 3). Brasília: MEC/ SEF, 1998.

CORSARO, William. **Sociologia da Infância**. 2ª edição. Porto Alegre: Artmed, 2011, p. 31-56.

CORSINO, Patrícia. Infância e Linguagem na obra de Bartolomeu Campos de Queirós: questões para a Educação Infantil. In: KRAMER, Sonia, NUNES, Maria Fernanda, CARVALHO, Maria Cristina (orgs.). **Educação Infantil: Formação e Responsabilidade**. São Paulo: Papirus, 2013.

DAUSTER, Tânia & FERREIRA, Lucelena. (orgs.) **Por que ler? Perspectivas culturais do ensino da leitura**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

FARIA, V. L. B. Memórias de leitura e Educação Infantil. In: SOUZA, R. J. (org) **Caminhos para a formação do leitor**. SP. DCL. 2004

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. **A criança e a linguagem: entre palavras e coisas**. In: PAIVA, Aparecida (org.) **Literatura: saberes em movimento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GOUVEIA, Maria Cristina Soares de. **Infância: entre a anterioridade e a alteridade**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011. Disponível em: MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**, 3ª edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, Infância e formação de professores:** autoria e transgressão. Campinas: Papirus, 2004.

OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel. **Infância:** fios e desafios da pesquisa. Campinas: Papirus, 1999.

SOARES, Magda. **A escolarização da leitura literária.** In: A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil. Evangelista, Brandão e Machado (orgs). Belo Horizonte: Autêntica: 2006.

ROCHA, RUTH. **Meu amigo ventinho.** Coleção: Biblioteca Ruth Rocha Série vou te contar. Ano de edição: 2009. edição: 1ª: 1999. Editora: Salamandra.

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor:** *uma rede de fios cruzados.* Curitiba: Aymar, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.